

PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO A LUZ DO PENSAMENTO REVOLUCIONÁRIO DE ROSA LUXEMBRUGO

LISANIL DA CONCEIÇÃO PATROCÍNIO PEREIRA*
MARIA DO HORTO SALLES TIELLET**

RESUMO

Este texto procura trazer a memória a contribuição da pensadora Rosa Luxemburgo, que com sua coragem desde jovem deixou marcas revolucionárias, que no momento trágico brasileiro de ataques a direitos e sobretudo a educação pública pode nos auxiliar a reorganizar nossas lutas. Rosa Luxemburgo, tinha forte personalidade e espírito revolucionário esses ataques a levou a opor-se e a lutar contra tudo que era rígido, burocrático, conservador na sociedade e no partido. Temos a clareza de que não falamos pelo Outro ou Outra mas temos consciência de que é importante trazer a memória desta mulher que Nós, Conosco e Outros entrelaçam pensamentos e energizam um mundo humano pelo Outro e para Nós mesmos. Este texto escrito para atender o chamamento deste Dossiê sobre a vida da Rosa Luxemburgo foi feito a partir de leituras bibliográficas de textos disponíveis de forma impressa e digital.

PALAVRAS-CHAVE: Rosa Luxemburgo; Pensamento revolucionário; Mulher, Liderança.

RÉSUMÉ

Ce texte a pour but de rappeler la contribution de la penseuse Rosa Luxemburg, qui, avec son courage dès son jeune âge, laissait des marques révolutionnaires, qui, dans le tragique attentat brésilien contre les droits et l'éducation publique, peut nous aider à réorganiser nos luttes. Rosa Luxemburg avait une forte personnalité et un esprit révolutionnaire: ces attaques l'ont conduite à s'opposer à tout ce qui était rigide, bureaucratique, conservateur dans la société et dans le parti. Il est clair que nous ne parlons pas pour l'autre ou pour l'autre mais nous sommes conscients qu'il est important de rappeler à cette

* Doutora em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do curso de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) e colaboradora do curso de Geografia a Distância UAB/Unemat. E-mail: lisanilpereira@hotmail.com

** Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente professora sênior da Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: mariadohorto.tiellet@hotmail.com

femme que nous, nous et les autres entrelaceons nos pensées et dynamise un monde humain pour l'autre et pour nous-mêmes. Ce texte rédigé pour répondre à l'appel de ce dossier sur la vie de Rosa Luxemburg a été réalisé à partir de lectures bibliographiques de textes disponibles sous forme imprimée et numérique.

MOTS-CLÉS: Rosa Luxemburg; Pensée révolutionnaire; Femme, Leadership.

INTRODUÇÃO

“O objetivo final, qualquer que seja ele, não me importa; o movimento é que é tudo” (LUXEMBURGO, 1999, p. 18)

Rosa Luxemburgo (1871-1919) nos ensinou em seus 48 anos de vida a possibilidade de uma produção científica comprometida com uma sociedade mais humana que trate a todos com respeito e dignidade. Rosa nasceu no ano em que a França proclamou a Comuna de Paris e atingiu a maturidade política em 1910 marcada pela primeira guerra mundial e foi morta um ano depois que os bolcheviques russos assumiram o poder.

Foi sempre uma estudiosa de destaque por onde passou, sendo que

os estudos ocupavam apenas parte de seu tempo. Através de exilados russos, entre os quais Plekanov, conheceu a obra de Marx. Corajosa, boa escritora e excelente oradora, não tardou a se destacar. Na primavera de 1898, fixou-se em Berlim, ingressando no Partido Socialdemocrata Alemão (SPD), que ocupava uma posição central no movimento socialista de então (BENJAMIN, 1999, p. 08).

Através de seu exemplo é possível organizar as mulheres, possibilitar o ingresso em partidos políticos lutar em defesa da justiça, dos direitos, e da liberdade. Ainda hoje em 2019, no ano em que marca o centenário de sua morte, “A revolucionária alemã, “a Rosa Vermelha do Socialismo”, foi assassinada em janeiro de 1919, suas ideias, entretanto, permanecem vivas e instigantes até hoje” (LOUREIRO, 2005, 13). Rosa foi sempre alvo de críticas inclusive de pessoas próximas que se sentiam atingidos pelo seu poder de oratória, pensamento e sobretudo de independência. As pessoas que não se prendem a correntes sempre serão alvos inclusive de pessoas que se intitulam companheirxs.

A esses (críticos) responderemos com um velho ditado russo: ‘Às vezes, as águias descem e voam entre as aves do quintal. Mas as

aves do quintal jamais se elevarão até as nuvens'. Rosa equivocou-se em muitas coisas (...). Mas apesar de seus erros, foi para nós e continua sendo uma águia (BUONICORE apud 2005, 22).

Entretanto, os espaços de liberdade que possibilitam a exposição, o confronto e o encontro de ideias, como as Universidades, têm se silenciado inclusive diante das ofensas do Ministro da Educação Abraham Weintraub, no ano em que completa cem anos do assassinato de Rosa e um ano e nove mês da morte de Marielle.

Rosa Luxemburgo, costumada a fugir pensava, que em Berlim estaria protegida, enganou-se foi justamente onde foram abatidos com um tiro na nuca, ela e seu companheiro Karl Liebknecht (LOUREIRO, 2005), Marielle por sua vez, também foi assassinada. Ambas de forma covarde, sem chance de defesa por milícia de orientação de extrema direita. Rosa e Marielle dedicaram suas curtas vidas a fazer reflexões sobre a luta, o papel e o lugar dos trabalhadores e das trabalhadoras no mundo, sobretudo no mundo capitalista. Suas lutas eram para a emancipação da classe trabalhadora. Nesse aspecto Rosa nunca titubeou. Como excelente oradora, ocupou esses espaços em defesa da classe trabalhadora e de segmentos excluídos, entre eles, as mulheres. Seus companheiros de partido recebiam sua língua mordaz e sua liberdade. Alguns se referiam a ela como “porca judia”, “materialista histórica” entre outras ofensas preconceituosas, desrespeitosas e machistas (PRAGMATISMO, 2017).

Constituindo-se como uma mulher independente e livre não tinha receio de enfrentar lugares e espaço públicos, até então, dominado por homens o que a fez indiretamente questionar a sujeição das mulheres ao isolamento da vida privada, à submissão aos homens, condição que é inseparável do capitalismo. Questionar indiretamente porque o tema referente as mulheres não se apresentavam como tema central de suas discussões, embora, Rosa reconhecesse alguns tipos de opressão como comuns a todas as mulheres e outra variavam por classe e por nação (HOLMSTROM, 2016).

Loureiro (2005) estudiosa do pensamento de Rosa Luxemburgo aponta que ela foi

(...) uma combatente de primeira hora na luta contra o capitalismo. Criticou o revisionismo teórico da socialdemocracia e o oportunismo de direita das direções sindicais da Alemanha. Apoiou a experiência da revolução russa. Quando da traição da Segunda Internacional,

colocou-se ao lado de Lenin na luta contra a guerra imperialista e pelo socialismo. Foi fundadora do Partido Comunista Alemão. Não por acaso, na abertura do Congresso da Terceira Internacional, em março de 1919, o próprio Lenin fez uma homenagem a essa heroína do proletariado: “a águia polonesa” (LOUREIRO, 2005, 14).

Por que então relembrar a vida de Rosa Luxemburgo e associa-la a luta contra o conservadorismo e o avanço da extrema direita que tem erguido a bandeira dos costumes? Porque cem anos após sua morte a exploração continua, a desigualdade se ampliou criando um fosso entre as classes, a violência tem aumentado, incentivada por políticos e por leis que visam não só punir, mas eliminar (excludente de ilicitude) os excluídos, os marginalizados. Porque mulheres têm sido assassinadas, vozes da periferia das grandes cidades brasileiras expressas por jovens do sexo masculino, negros têm sido calados. De modo que não haverá superação deste estado de coisas sem uma reflexão mais profunda e sem luta. Rosa representa a luta, a determinação de mudar o status quo.

Temos vivenciado a brutalidade do atual governo brasileiro sobre a população mais carente, com objetivo explícito e claro de exclusão e negação do direito à vida quer olharmos para a saúde, educação e, a justiça. Ataques aos excluídos, esfarrapados, não germinam somente no Brasil mas no mundo com o ressurgimento e avanço da extrema direita. Ataques as Universidades, a áreas de conhecimento (filosofia, sociologia), a pensamentos que defendem a liberdade, o respeito, a diversidade. Incentivam o ódio e a violência. Mas porque esses ataques? Porque esse governo incentiva e promove o ódio.

O ataque as Universidades porque é o espaço do livre pensamento, de produção do conhecimento e de resistência das mulheres, dos negros, dos LGBT+, dos pobres, dos índios e de todos os excluídos, a governos que negam e destroem direitos.

Nas Universidades é possível se discutir de diferentes pontos de vistas o momento que vivemos, e isso não significa balburdia, talvez o seja para a extrema direita que acham que a liberdade, verdade ou a ciência deva ser de domínio somente daquela que não os contradizem, nem os contrariam.

No entanto, Rosa Luxemburgo em sua combatividade que era peculiar, apresentava argumentos para contrapor a qualquer um ou posição política que queira impor sua verdade, afirmando que: “A liberdade apenas para os partidários do governo, apenas para os membros de um partido, por muitos que sejam, não é liberdade. A

liberdade é sempre a liberdade para o que pensa diferente".(LUXEMBURGO).

DO PAPEL DAS UNIVERSIDADES: O DA CRÍTICA RADICAL, NEM BALBÚRDIA E NEM NEUTRALIDADE

Não há posição neutra em situações de crise. Ao se adotar um autor se fez uma escolha, se tem uma posição, mesmo que a considere neutra. Severino (2000), nos ensina que a escolha e a realização de um estudo é um ato político e por isso não existe neutralidade. Outras vozes somam-se à deste autor como a de Minayo (2015). Nesse sentido, mesmo tendo um caráter pessoal o estudo deve ter uma dimensão social, que lhe confere o sentido político.

Há autores que defendem a neutralidade, assim como há outros que pensam que estudiosos podem se envolver com o que estão pesquisando. Martins (2000), diz que alguns autores misturam ciência com ideologia.

Denomina o método de análise utilizado de marxismo panfletário e, senso comum, pois para ele, “o panfletarismo se junta ao clima de comício que reduz o problema a simplificações que o desfiguram, que lhe retiram a complexidade e a gravidade e que, portanto, vão progressivamente tornando-o um tema banal” (MARTINS, 2000, p. 88).

Por outro lado, este autor faz questão de frisar que a neutralidade não significa indiferença com as vítimas das injustiças sociais, pois para ele, “essa neutralidade é, na verdade, um outro modo de se insurgir contra a injustiça, a desigualdade, a opressão” (MARTINS, 2000, p. 54).

Não advogamos em prol da neutralidade da ciência, muito pelo contrário acreditamos que a neutralidade na verdade se posiciona a favor da classe dominante e legitima suas ações e de alguma forma não tem compromissos, com a transformação da sociedade, por isso acreditamos ser o espaço universitário o lugar da reflexão, do debate e da ação. Não é por acaso, que o Ministro da Educação se manifeste objetivando desqualificar as universidades especialmente as públicas. Como diz Moreira (2006), ser um sujeito no mundo e ser neutro é um projeto impossível.

Pensamos ser possível ser sim um militante e pesquisador sem que o trabalho fique comprometido do ponto de vista científico. Brandão (1999, p. 11) corrobora com este pensamento ao apontar que “nenhum conhecimento é neutro e nenhuma pesquisa serve teoricamente [...] a todos dentro de mundos sociais concretamente desiguais”.

Pesquisadores positivistas e neopositivistas criticam a inserção de pesquisadores na política e nos movimentos sociais, criticando o resultado de seus trabalhos de panfletário, sem valor científico. Mas será que o trabalho destes que se intitulam neutros, também não apresenta parcialidade?

Alguns pesquisadores afirmam, incontinenti, que a militância prejudica a pesquisa. Perguntados sobre o porquê, respondem que a militância é uma prática política e impediria a análise do objeto com imparcialidade, para a necessária neutralidade científica (FERNANDES, 2001, p. 13).

Nos parece que a neutralidade alardeada e exigida a determinados segmentos no interior das Universidades não cabe a segmentos de extrema-direita. Pois, ao serem neutros, estes já mostram uma posição a favor de um determinado estrato da sociedade. Eles não têm uma posição clara quando defendem o armamento e quando defendem o retorno ao AI 5? Pois, a imparcialidade não é uma totalidade e sim parte de uma relação.

O sentido da política é a liberdade e sendo assim é impossível separar a ciência da política. Bourdieu (2001), também defende o conhecimento engajado, apontando que intelectuais e pesquisadores das ciências sociais, podem e devem intervir no mundo político, questionando,

Que papel pode desempenhar no movimento social, em escala nacional e, sobretudo internacional, isto é, no nível mesmo em que atualmente se joga o destino dos indivíduos e das sociedades? Como podem contribuir para a criação de uma nova maneira de fazer política? (BOURDIEU, 2001, p. 36).

Este pensador assevera que o pesquisador militante na política, nem por isso, se torna ou deve se tornar um político que venham exercer cargos na esfera do poder ou tornar se um vereadorx, prefeitx, deputadx etc.. Mas é preciso ressaltar que o risco de um pesquisador militante na política e nos movimentos sociais é o de se decepcionar e muitas vezes abandonar a militância. Nesse sentido aponta,

[...] condenar o anti-intelectualismo, que quase sempre tem por princípio o ressentimento, não é isentar com isso o intelectual de toda crítica: a crítica à qual o intelectual pode e deve se submeter ele próprio ou, em outros termos, a reflexividade crítica, é um pressuposto absoluto para qualquer ação política dos intelectuais. O

mundo intelectual deve entregar-se permanentemente à crítica por todos os abusos de poder ou de autoridade cometidos em nome da autoridade intelectual como arma política; deve se submeter também à crítica pelo *scholastic bias*, cuja forma mais perversa, e que nos diz respeito particularmente aqui, é a propensão a um revolucionarismo sem objeto e sem efeito: [...]. (BOURDIEU, 2001, p. 38).

Este autor, assevera ainda que uma das funções dos pesquisadores seria desempenhar papel de consultores junto aos movimentos sociais, ajudando os diferentes grupos a superar suas diferenças e na Universidade se soma o ensino a mais do que nunca o papel da extensão se faz necessário, para que em um ambiente livre a sociedade possa debater com parâmetros, referenciais que ajudem a superar a onda do senso comum, a negativa da lógica científica e a crise política, social, econômica e de pensamento que estamos vivendo.

Segundo o Pragmatismo (2017), Rosa sempre reaparece em momentos de crise da sociedade e da esquerda, isso aconteceu no Brasil depois da Segunda Guerra Mundial e novamente em 2016. Nesse sentido pretendemos trazer fragmentos do pensamento de Rosa de Luxemburgo para auxiliar-nos a refletir sobre a condição das mulheres e o movimento feminista, a universidade e a produção do conhecimento. As obras usadas com referência foram além dela própria (1976, 1999) Loureiro (2005) etc.

ROSA LUXEMBURGO: MULHER E MILITANTE

Rosa mulher pesquisadora e militante à frente do seu tempo, representou muito para a esquerda e para o movimento de mulheres, cem anos depois, principalmente hoje, em que no Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde (2019) uma mulher é agredida a cada 4 minutos e uma morte é registrada a cada 8 horas.

Quem se prendesse apenas a sua origem social, não poderia entender como aquela menina, nascida em 5 de março de 1871, filha de uma abastada família de judeus poloneses, poderia se transformar na “Rosa Vermelha”, destacada dirigente do movimento comunista internacional. Mas o ambiente efervescente reinante na Polônia, tão dominada pela Rússia, levava muitos jovens a se engajar nos movimentos contestatórios. E esse foi o caminho que Rosa escolheu (LOUREIRO, 2005, p. 14).

Rosa nasceu na Polônia, MULHER, judia, desde criança falava fluentemente alemão, polonês e russo, aprendeu cedo o

francês. Aos 13 anos de idade foi admitida na escola secundária de Varsóvia raro para uma menina na época (BENJAMIN, 1999).

Rosa viveu sua curta vida em um dos momentos mais complexos do leste Europeu de disputas imperialistas, num contexto onde se posicionar e ser mulher já era um ato revolucionário. Ser mulher, se assumir mulher e viver de forma intensamente sua condição de mulher, para o momento, a colocava além de seu tempo. Rosa Luxemburgo é uma das pensadoras da Economia Política e da esquerda. Foi a única mulher a ser professora de Economia Política na Escola do Partido Social-Democrata Alemão (SPD). Para Evans(2017) Rosa foi uma professora talentosa que explicava didaticamente aos adultos que frequentavam a Escola do Partido, os conteúdos mais complexos da economia política.

Ela cumpriu um papel significativo na reflexão e enfrentamento do capitalismo e dos conflitos imperialistas e da supremacia imperialista da antiga Alemanha fascista.

Rosa foi uma grande pensadora, uma intelectual rigorosa. Pesquisou e contribuiu no campo da economia política, do processo de acumulação de capital, das formas de desenvolvimento do capitalismo em sua etapa imperialista. Contribuiu também no campo da ciência política, refletindo sobre o papel do partido e das organizações de massa (BEJNAMIM, 2005, p. 10).

Rosa como líder e pensadora da esquerda do seu tempo combateu a violência com todas as forças. Disse: Não necessitamos de catástrofes. Hoje, a Alemanha é um exemplo clássico de que as classes dominantes são sempre as fabricantes de catástrofes,

Quando em 4 de agosto de 1915, o partido socialdemocracia aderiu à guerra, disse inconformada: “Com essa decisão, a socialdemocracia alemã, além de se calar, acaba de assumir uma nova função histórica: ser escudeira do imperialismo, na atual guerra, e contra os interesses da classe trabalhadora em nível universal” (LUXEMBURGO, 1914 apud BEJNAMIM, 2005, p. 10).

Segundo seus biógrafos sempre foi contundente em fazer os enfrentamentos políticos no interior do partido. Em 1904, ela disse que a única forma de combater o oportunismo no interior de partidos e sindicatos era organizando a classe trabalhadora, para que assim tivessem consciência revolucionária (BEJNAMIM, 2005). É o que falta sobretudo para os professores e professoras das universidades públicas que não reagem ao serem chamados de Zebras Gordas

pelo Ministro da Educação. Rosa tinha muita confiança na organização da classe trabalhadora e nas massas organizadas para fazer a revolução. Mesmo nos momentos mais difíceis da vida não se deixava desanimar, o otimismo era sua marca. Mesmo sabendo que seria morta gritava aos seus companheiros,

A ordem reina em Berlim. Finalmente, verdugos decrépitos conseguiram impor a ordem das arenas. Mas, amanhã, a revolução se elevará novamente às alturas e, para espanto de todos, ela proclamará triunfante: eu fui, sou e sempre serei! (LUXEMBURG, 1914 apud BEJNAMIM, 2005, p. 10).

Um ponto importante a ser destacado é que Rosa Luxemburgo (1999), refletiu sobre a exploração de recursos humanos e recursos naturais, mercadorias de alto preço, rendem lucros na venda do produto, sobretudo após o ciclo de crise econômica como aconteceu recentemente ao redor do mundo e no Brasil. Estamos vivendo atualmente no Brasil um ataque a natureza, temos feito a reflexão é de que não somos totalmente contra o uso dos recursos para a produção de riquezas, ocorre que o modelo atual de produção de riquezas, de produção e circulação de mercadorias é insano. O pequeno filme a História das Coisas ilustra muito bem a insanidade da qual estamos falando. É insano o uso de energia no transporte, é insano o uso do trabalho escravo, é insano a destruição da própria humanidade da forma em que estamos assistindo.

Luxemburgo (1976) assevera que a reprodução não é uma criação do capital, mais sim uma regra que surgiu na antiguidade. E foi observada em todos os períodos da história ou no seu dizer da evolução social. O capital requer, segundo a autora, algumas condições para se realizar. Como primeira condição, “o capital deve criar a mais-valia, pois a mais-valia é a única forma em que é possível sob o sistema capitalista o incremento da produção” (LUXEMBURGO, 1976, p. 23). E, segundo a autora, cumprida a primeira condição, a segunda condição se realiza, com a troca de mercadoria por dinheiro. “Essa condição leva ao mercado onde as probabilidades de troca decidem sobre o destino ulterior da mais-valia e, portanto, também da futura reprodução” (LUXEMBURGO, 1976, p. 24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato final – covarde assassinato

Era 15 de janeiro. As ruas de Berlim estavam tensas; por toda a parte viam-se vestígios dos combates dos dias anteriores. As tropas do exército alemão e os grupos paramilitares desfilavam imponentes pelas ruas. A insurreição operária parecia ter chegado ao seu final; uma batalha perdida, mas não a guerra. Assim pensavam Rosa e Karl Liebknecht, quando foram sequestrados e levados ao Hotel Édén para averiguações. De lá, deveriam seguir para a prisão, onde já se encontravam centenas de revolucionários, mas o cortejo faria um outro caminho, que não era o da prisão e nem o do exílio (LOUREIRO, 2005, p. 14).

Rosa nos deixou exemplos incontestáveis de mulher independente, mulher que viveu intensamente. Mas o que é ser mulher? Por que mulheres são invisibilizadas? Por que mesmo tendo útero algumas mulheres não se veem como mulheres e se reconhecem como homens ou fazem a opção para viver a sobra de seus companheiros, ainda que subjugadas, trabalhando arduamente como empregada ou escrava e mesmo sendo agredidas fisicamente, a noite ainda se deitam com seus agressores. Entre as vozes mais triste de se ouvir, são as vozes das filhas que em algumas situações são violentadas sexualmente dentro de casa e quase sempre suas mães fazem vistas grossas.

É fácil compreender por que mulheres aos nascerem mulheres em não se reconhecerem como mulheres, pois nascemos em uma sociedade patriarcal e somos educadas em nossas famílias para servir os humanos do sexo masculino é como se as mulheres não fossem humanas, aos nascerem com o sexo feminino tem a sua negação enquanto humano, a elas o destino está selado a serem do Lar para servir o marido e os filhos.

É esse patriarcado que temos feito o esforço sobre humano nos levantando contra o patriarcado, mulheres são humanas, mulheres trabalham, mulheres tem sentimentos e tem o direito a participar as decisões em seus lotes rurais, mulheres tem o direito ao respeito e ao prazer. Se falta ainda hoje a consciência feminina, é porque nunca houve. Significará isso que a palavra “mulher” não tenha nenhum conteúdo?” As vezes temos a impressão que lutar pelo lugar da mulher e ser mulher na atual sociedade é uma luta inglória sem chances de êxito pois falta a grande maioria das

mulheres o esclarecimento sobre o que é ser mulher. Ainda hoje muitas mulheres se comportam como homens e protegem os homens, talvez isso explique as mulheres que não se levantem para defender as mulheres que são cotidianamente agredidas dentro de casa. Muitas mulheres chefes de famílias tem orgulho de dizer que “sou o homem da casa”, “sou o macho da casa” expressões como essas precisam ser desconstruídas a cada vez que é dito por uma mulher que tem árdua tarefa de trabalhar dia e noite, mulheres dupla jornada de trabalho. Mulheres de área rural trabalham no lote rural, trabalham dentro de casa, lavam, cozinham e ainda cuidam dos filhxs, é das mulheres a tarefa de cuidar de seus filhos.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIM, Cesar. Apresentação In LOUREIRO, Isabel Maria. *Rosa Luxemburgo: Vida e Obra*. 5. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos 2: Por um movimento social europeu*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.) *Pesquisa Participante*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- EVANS, Kate. *Rosa vermelha: uma biografia em quadrinhos de Rosa de Luxemburgo*. WMF Martins Fontes, 2017.
- HOLMSTROM, Nancy. *Rosa de Luxemburgo: um legado para as feministas*. [Tradução de Carlos Carujo] In *Rosa Remix*, 2016. Disponível em: <<https://www.esquerda.net/dossier/rosa-luxemburgo-um-legado-para-feministas/59029>> acesso em; 24 nov.,2019.
- LOUREIRO, Isabel Maria. *Rosa Luxemburgo: Vida e Obra*. 5. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- _____. *Reforma ou Revolução?* Trad. Lívio Xavier. São Paulo: Expressão Popular, 1999.
- MARX, Karl. *O capital. Crítica da economia política*. Livro 3. O processo global da produção capitalista. Volume VI. 5. Trad. De Reginaldo Santa'anna. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- MINAYO, Maria Cecília. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (Org.). 33. ed. Rev. e atualizada. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.
- MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. *A agricultura camponesa no Brasil*. Caminhos da Geografia. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

PRAGMATISMO. A mensagem que Rosa de Luxemburgo deixa para as mulheres do século XXI. Redação. 20 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/10/mensagem-que-rosa-luxemburgo-mulheres.html>> Acesso em: 24nov.,2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

Recebido em 27/11/2019

Avaliado em 20/12/2019